

# O corpo: construção e percurso

José de Moraes Carvalho\*

## RESUMO

Estudo do corpo e das várias formas de expressão. Sua trajetória ao nível do imaginário para a construção do desejo. O corpo e todo o seu poder de sedução, via sexualidade, como instrumento de comunicação visando à produção de bens e serviços. Por meio da publicidade, ele se estrutura na estética do ser e ter como marca da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: sexualidade; consumo; publicidade.

## SUMMARY

The study of the body and its countless expressions, its way in the level of the imaginary to the construction of the desire. The body and all its seductive power, through sexuality, as tools of communication aiming at the production of goods and services. By means of publicity, the body structures in the aesthetics of being and having as a symbol of the contemporary society.

Keywords: sexuality; consumption; publicity.

## RESUMEN

Estudio del cuerpo y las varias formas de expresión. Su trayectoria en términos del conjunto de imágenes para la construcción del deseo. El cuerpo y todo su poder de seducción, vía sexualidad, como instrumento de comunicación visando a la producción de bienes y servicios. Por medio de la publicidad, él se estructura en la estética del ser y tener como marca de la sociedad contemporánea. Palabras-clave: sexualidad; consumo; publicidad.

Descartes, em Discurso sobre o método, afirma que o mundo é constituído de duas realidades que se excluem reciprocamente: a realidade corporal (res extensa), de um lado, reduzida a um puro mecanismo, e, de outro, a realidade espiritual (res cogitans), ou substância pensante, elevada à dignidade do sujeito. Pensar essa dualidade é o que propõe Descartes, cujo ponto de partida de sua filosofia é: “penso, logo existo”. A alma do homem é realmente distinta do seu corpo. É a realidade espiritual, ou substância pensante, que distingue a alma do corpo e que afirma que uma não pode existir sem o outro.

A filosofia moderna analisa o homem como sujeito. É chamada mais tarde de filosofia do sujeito, para a qual a verdade de uma coisa (ou de uma proposição, ou de um julgamento) não está somente em considerá-la como tal, mas é preciso que se tenha uma certeza dessa coisa. Esta certeza precisa ser claramente comprovada pela experimentação orientada por uma lógica racional, uma vez que o homem torna-se a medida dessa verdade. A verdade, assim, não é mais determinada pelo homem: cabe a ele o papel de concordar com a verdade. Esta concordância, longe de ser arbitrária, significa uma certeza comprovada, clara e distinta. Descartes inicia uma nova fase, quando atribui ao pensamento humano uma primazia, e cria uma nova concepção do homem no mundo.

A análise cartesiana, ao fazer a distinção entre corpo e alma (quando analisa a questão da materialidade e do conhecimento), dificulta conceber a união entre eles. A alma une-se obscuramente, misteriosamente ao corpo, e é esta junção completa que permite informar o domínio da alma sobre as paixões. Há

uma fisiologia das paixões, segundo a ordem do corpo. Há também uma psicologia das paixões, segundo a ordem da alma. Nessa passagem da fisiologia à psicologia das paixões, existe um mistério. É a vida do homem enquanto corpo e alma unidos que Descartes deixa sem resposta: as idéias inatas são pensadas em razão da própria natureza do espírito. (1972, p.43-52)

O século XVII é caracterizado como o século do mecanicismo, ou seja, de uma ciência racional e geométrica da natureza e dos corpos. A física, ainda hoje chamada de filosofia natural, torna-se uma ciência; as leis da natureza são, pouco a pouco, descobertas e transformadas em teorias (a obra de Newton é um grande exemplo). Esses conhecimentos, todavia, não seriam completos se não tivessem integrado o conhecimento do homem para a construção da ciência. Interroga-se sobre a natureza do homem, sobre as paixões que agitam sua alma e perturbam seu corpo. Este projeto, embora de origem cartesiana, vai encontrar em Spinoza (1988) um entusiasmo maior: ele vai construir uma ciência da natureza humana latente, compreendida na ciência da natureza em geral.

A alma (que Spinoza prefere chamar de espírito) é a idéia do corpo. Em suas reflexões, Spinoza faz críticas severas às análises expressas em Tratado das paixões da alma [1649], de Descartes. As paixões do corpo são as paixões do espírito, assim como as ações do corpo são as ações do espírito, e a sabedoria consiste justamente em desenvolver as ações do corpo, resultando disso um conhecimento claro e distinto do sujeito como causa dessas ações. O homem se esforça em persistir no seu ser. Este esforço, se relacionado ao espírito, é chamado vontade; mas, quan-

do se relaciona ao espírito e ao corpo, é chamado apetite. O apetite é a própria essência da natureza e também essência do homem. Apetite e desejo são, portanto, da natureza humana. O desejo é o apetite com a consciência dele mesmo.

### A filosofia do desejo

O homem, como todo ser vivo, possui a própria conservação. Ele quer, ou melhor, deseja somente aquilo que é útil e repele o que é nocivo. Ao estabelecer uma verdadeira psicologia dos desejos, Spinoza diz que o homem não é mais livre de desejar, como não é livre de ser. Desejar e ser são o mesmo movimento. É inútil querer reprimir o desejo. O objeto do desejo é secundário com referência à primazia do desejo. O essencial não é somente aquilo que desejamos, mas o fato de desejarmos. A inversão da relação estabelecida tradicionalmente entre o desejo e seu objeto faz-se necessária: não desejamos uma coisa porque julgamos que é boa, mas julgamos que ela é boa porque a desejamos. Aqui se faz a passagem da moral à ética; do bom e do mau ao útil e nocivo; da virtude à felicidade; da condenação e da repressão do desejo à sua afirmação e desenvolvimento.

Este pensamento vem modificar toda uma noção de valor: nada é bom e nada é mau. O bem e o mal não se impõem ao desejo como deveres a cumprir ou faltas a evitar. É o que Spinoza chama de o útil e o nocivo. Útil é o que favorece meu esforço de permanecer no meu ser e nocivo é tudo aquilo que me afasta dele. Essa vinculação é profundamente subversiva. Suponhamos que o desejo do homem seja aquilo que lhe é nocivo; sendo o desejo a essência do homem, negar esse desejo é negar a si próprio. A insatisfação e a angústia do homem vêm, provavelmente, dessa ligação por vezes repressora e que pode modificar radicalmente a noção de valor. Um valor que pode ceder lugar a uma realidade determinada.

O real é sempre regulado por leis. Seu estudo deve estar em conformidade com a sua essência. Existe uma moral tradicional que define e julga os atos do homem. Ao ignorar as causas que o

levam a desejar, o homem imagina que é senhor daquilo que deseja. Ele se julga realmente livre para regular suas paixões e apetites. É uma ilusão, pois a experiência mostra que o homem, em vez de governar seus desejos, é governado por eles.

### O domínio do corpo

Ao contrário de um antropocentrismo que repousa sobre a ilusão do livre arbítrio, o homem não pode impedir o desejo nem dirigir suas paixões e apetites. Spinoza procura uma filosofia na qual o corpo tem um lugar. O homem é livre à medida que encontra razões para executar uma ação. O pensamento de Spinoza modifica por completo a reflexão sobre o corpo. Se, antes, dele o problema era conceber a união da alma e do corpo e, por conseqüência, analisar as diferentes modalidades por intermédio das quais a alma podia agir sobre o corpo e dominá-lo, com Spinoza o problema torna-se o do domínio do corpo, que é também o do domínio da alma. Corpo e alma são duas expressões de uma mesma realidade, de um único ser.

Desse modo, pensar filosoficamente sobre esse dualismo, partindo do princípio de que a alma é, segundo Marc Richir (1993, p.10-24), o lugar das sensações, das afeições, da afetividade, das paixões e dos pensamentos, exige uma reflexão mais profunda sobre a questão do corpo, suporte de uma interioridade que, a todo momento, busca lançar-se para fora. Sair do dedans, como num ato de rebeldia, é libertar-se, emergir de um abismo que mantém o homem prisioneiro.

Maurice Merleau-Ponty e Sigmund Freud vão dar continuidade e aprofundamento à reflexão empreitada por Spinoza que, sem se importar com as várias críticas recebidas, consagrou sua vida simples à execução

de uma obra considerada a mais importante da humanidade pensante.

Em Fenomenologia da percepção (primeira parte), Merleau-Ponty aplica a teoria da forma ao estudo do comportamento, mostrando que existe uma interação do psíquico e do fisiológico em toda conduta humana. Analisa o corpo, no que

diz respeito à sua percepção ilusória, ao tratar do membro fantasma (de um membro amputado e sua relação com o corpo). Sabe-se que, organicamente, os membros e os usos que deles se fazem criam no cérebro certos traços que perduram mesmo depois de sua mutilação.

A psicologia permite compreender o fenômeno de uma maneira nova e mais complexa. O corpo não é o objeto da consciência; ele não é um objeto físico, é, sim, um esboço de uma interioridade. O corpo está, portanto, preso a esta interioridade e é através dele que a concepção do homem se concretiza. A criação do espírito se "coisifica". É o corpo um meio pelo qual o homem habita o mundo e a ele pertence.

Merleau-Ponty tenta mostrar que o homem é indivisivelmente consciência e corpo (consciência do corpo e corpo da consciência, espírito do corpo, corpo do espírito) e é assim que a realidade humana revela sua essência. Viver é habitar o mundo, refletindo-o e nele se refletindo. É esta unidade do homem e sua vida no mundo que o autor procura exprimir ao longo de sua obra.

O corpo é, simultaneamente, sujeito e objeto. É esse dualismo que Merleau-Ponty tenta resolver, buscando uma unidade de abstração. Esta unidade é o corpo enquanto coisa pensante e objeto pensado. O corpo não é o lugar dessa dualidade, mas a expressão de uma unidade primeira, que é ao mesmo tempo ação e paixão. O corpo que sente é o mesmo que é sentido, aquele que toca é o mesmo que é tocado. Essa dupla propriedade do corpo é o que o coloca na ordem do objeto, de um lado, e na ordem do sujeito, de outro.

Merleau-Ponty busca em seus estudos o sentido do estar no mundo a partir das duas vertentes: sujeito - o que sente -, e objeto - o que é sentido -. E não o faz de maneira separada, mas entrelaçada e indissolúvel. Este pensamento vem, de certa forma, contrariar a filosofia clássica (como a geometria euclidiana e a metafísica cartesiana), que buscava uma explicação mais objetiva do mundo.

No estudo do corpo, Foucault ultrapassa as questões que tratam do comportamento do homem e de suas representações. Procura compreender aquilo que é inerente ao homem - a sexualidade - e que, certamente, constitui um elemento propulsor para a manifestação e conduta de seus sentimentos. Segundo Foucault, a sexualidade engloba um campo amplo de

fenômenos diversos do comportamento, como também as sensações, os instintos, as paixões.

A sexualidade em nossos dias diz respeito "(...) a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas(...)" trata-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui uma 'experiência' tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma 'sexualidade' que abre para campos de conhecimentos bastante diversos(...)". (Foucault, 1984, p.9-10)

A noção de desejo pressupõe a existência de certos conteúdos inatos ao sujeito desejante e este, ao se reconhecer como tal, procura descobrir a verdade de seu ser. A história do homem, desde a Antiguidade greco-romana, é marcada por sucessivas concepções de desejo e nessa genealogia ele é reconhecido como sujeito de uma sexualidade.

O desejo é sempre da ordem da apresentação, manifestada por imagens. Existe uma tripla e dinâmica relação entre o desejo, o ato e o prazer, ou seja, o desejo provoca o ato que está ligado ao prazer que, por sua vez, suscita o desejo.

O corpo é o lugar onde se manifestam todas as sensações, efêmeras ou duradouras da psique: as emoções, as paixões, os desejos, tudo parece se encaminhar para o lado de fora, para um mundo mais palpável, detentor de uma realidade mais visível e, por conseguinte, mais compreensível. É por meio desse corpo físico que o corpo psíquico se manifesta. Mas, é preciso observar que esse corpo tem como parâmetro o corpo do outro, e é nele que estão definidos os modelos vistos como valores sociais, representantes de um real preestabelecido. O corpo do outro é, assim, o corpo-símbolo que possui uma função de espelho. Refletindo-me nesse corpo-símbolo e, me identificando com ele, tenho garantido o meu lugar entre aqueles corpos aceitos pela sociedade.

O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. E é por ele que o homem pratica e exterioriza seus atos físicos e psíquicos. Sendo um produto social, existe uma estreita ligação entre o corpo e a sociedade. É no corpo que a sociedade se reflete e se simboliza.

O estudo do corpo requer uma visão multidimensional e plurirreferencial dos pressupostos teóricos. Vários são os campos de experiência que tratam da questão do corpo, quais sejam, o material, o social e o cultural. O corpo é um paradigma de

ações e de práticas. "Os modelos e suas ficções situam-se na fronteira do imaginário e dos estereótipos sócio-culturais: vários discursos não somente falam o corpo, erótico e médico, mas também religioso e político, e a submissão a suas partes faz retornar à consciência a imagem por vezes estranha e familiar, produtora de identidades e de enganos (...)

Diversificado ao extremo, chamado por modelos contraditórios, o corpo parece ameaçado de ver dispersa sua substância e sua coerência, uma vez que nada de si nos parece acessível sem a mediação dos discursos sociais, imaginários coletivos e sistemas simbólicos." (Reicher, 1983, p.2)<sup>1</sup>

No mundo contemporâneo, um mundo onde predomina a imagem e, através dela, são transmitidos os valores sociais, parece tornar-se difícil pensar alguns conceitos, dada a sua complexidade e abstração, sem recorrer a uma representação exemplar. Numa sociedade imediatista como a nossa, como pensar na beleza interior, por exemplo, sem o apelo à beleza física? Como pensar o amor, a paixão, o desejo, a sedução sem a "presença" de um ser-objeto desse amor, dessa paixão, desse desejo, dessa sedução? Não se trata, entretanto, de negar esses valores, mas, sim, da necessidade de personificação dos mesmos.

O corpo é um texto que, impresso à flor da pele ou mesmo gravado na estrutura óssea, revela a grandeza da proliferação do pensamento. É no gesto que o corpo busca a comunicação com um outro corpo. Jean Baudrillard (1992) diz que o corpo é, no conjunto que compõe a parafernália do consumo, o objeto mais belo, mais precioso e mais rico de conotações. A liberação física e sexual do corpo é absorvida pelo mundo capitalista, em nossos dias, como um forte instrumento de persuasão que nos leva à crença de que estamos vivendo num mundo mais feliz, mais livre e mais saudável. Baudrillard nomeia o corpo de mito do prazer, considerando que ele pode mesmo substituir a alma nessa função moral e ideológica.

Em todas as culturas o corpo representa um estatuto regulador e definidor do modo de organização das relações

sociais. Fazendo-se uma retrospectiva, a fim de tentar compreender o corpo e as suas implicações, podemos encontrá-lo na Idade Média, quando era tratado sem subterfúgios, longe ainda do puritanismo do período Iluminista. Tudo lhe era permitido, desde as práticas das necessidades fisiológicas, encaradas como banais e, por

isso mesmo, feitas publicamente, até a satisfação do instinto sexual, mesmo que indisciplinado e promíscuo. O discurso sobre o corpo não obedecia a qualquer censura. Assim, praticar ou verbalizar as reações do corpo não se prendia a ne-

hum tipo de repressão.

O mundo capitalista que se seguiu e a formação de uma sociedade burguesa privatizaram o corpo, transformando-o em instrumento de produção. A burguesia, então, foi a grande responsável pela criação de um corpo-ferramenta, voltado para a força de trabalho. Esse corpo-músculo, de vida mais longa devido aos esforços físicos, passa a fazer parte de um conjunto de elementos voltados para atender aos interesses da sociedade, calcada numa economia capitalista. Para José Carlos Rodrigues, "(...) quanto mais durar e funcionar, mais produzirá. Viver é capitalizar, para si ou para outrem". (1996, p.18)

Com o capitalismo industrial a partir do século XIX, operado pelo jogo de oferta e de demanda, o corpo começa a ser substituído pela máquina. O racionalismo que era, até então, aplicado às Ciências Naturais, chega às Ciências Humanas. A hierarquização do sistema produtivo vem colocar a figura do administrador como um planejador, organizador e coordenador de operações. Ele passa a exercer um poder de comando e de controle, cabendo, portanto, aos subordinados, a tarefa de executá-las. Um novo tipo de mão-de-obra começa a surgir, com a administração da coisa pública e o consequente surgimento do aparato burocrático: a prestação de serviços. A autonomia manifestada, tanto no nível da produção quanto no nível do consumo, cria a utopia de que a sociedade tecnológica poderá oferecer um mundo de abundância, gerado pela automatização, não necessitando, portanto, do trabalho humano.

As estruturas atuais de produção e de consumo levam o sujeito a uma prática dupla, ligada à representação do próprio corpo: de um lado, tem-se o corpo-capital e, de outro, o corpo-fetice, ou objeto de consumo. A sociedade pós-industrial veio gerar o corpo-consumidor, cuja função é utilizar a produção de bens e de serviços e, com isso, estruturar uma nova estética da aparência: ser e ter vão determinar a eficiência do corpo contemporâneo.

A modernidade exige que se mostrem "as caras" de tudo o que está no mundo. Segundo Gilbert Durand, o mundo imaginal, onde se nota a presença do objeto como signo cultural, bem como de consumo, marca definitivamente a sociedade contemporânea. Orientado sob o signo da liberação psíquica e social, o corpo está sempre presente na publicidade, na moda e na própria cultura de massa. Hoje é impossível pensar a publicidade, em suas várias formas, bem como as várias manifestações humanas, sem apelar para a presença do corpo.

O corpo está programado, então, para ser estetizado dentro de padrões exigidos pela sociedade mediática, na qual a competição passa a ser o ponto de maior interesse. Ele carrega uma enorme bagagem de sonhos e de aspirações que o possibilita a competir com outros corpos. É o corpo-display, ao qual se encontra presa toda uma parafernália de objetos para o consumo: do vestuário aos produtos de higiene, dos medicamentos aos apetrechos destinados ao lazer. O corpo é hoje um suporte mercadológico onde se lê uma série de signos-marcas como "Nacional na sua testa", "Benetton em seu peito", "Nike em seus pés", "Swatch em seu pulso", vitaminas, proteínas, sais minerais e anabolizantes em seus músculos, flúor em seus dentes, hidratantes em sua pele, tinturas, amaciantes e brilhos em seus cabelos, cirurgias corretivas e rejuvenescedoras etc. É essa nova performance do corpo contemporâneo que vai determinar os "estilos e vida" voltados para o consumo, legitimando os seus valores e enaltecendo os seus usos.

Centro das reflexões desde a Antiguidade, o corpo é o eixo principal do comportamento humano, traduzido como objeto de fascinação ou de repulsa. Ele pode tanto seduzir como perturbar e, por isso, é tantas vezes exaltado ou negado. Constante é a sua presença em qualquer circunstância, assim como múltiplas são

as suas representações. Pensar o corpo é saber-se existir na essência humana, é explicitar nossa relação com o mundo.

## Nota

<sup>1</sup>"Des modèles, ses fictions, se situent à la frontière de l'imaginaire et des stéréotypes socioculturels: plusieurs discours parlent le corps, érotique, médical, mais aussi religieux ou politique, et l'assujettissement à leurs "découpages", retournant à la conscience l'image d'un objet à la fois étrange et familier, producteur d'identités et de leurres... Diversifié à l'extrême, appelé par de modèles contradictoires, le corps semble menacé de voir dispersés sa substance et sa cohérence, puisque rien de lui ne nous paraît accessible sans la médiation des discours sociaux, imaginaires collectifs et systèmes symboliques." (Tradução minha)

## Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *La société de consommation: ses mythes ses structures*. Paris: Denoël, 1970.
- BROHM, Jean Marie et. al. *Le corps: société, sciences, politiques, imaginaires*. Paris: Belin, 1992. v.l.
- DESCARTES, René. *Discurso sobre o método*. São Paulo: Hemus, 1972.
- DURAND, Gilbert. *L'imagination symbolique*. Paris: PUF, s/d.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945.
- REICHER, Claude. "Présentation". In *Le corps et ses fictions*. Paris: Minuit, 1983.
- RICHI, Marc. *Le corps: essais sur l'intériorité*. Paris: Hatier, 1993.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo. Esse luminoso objeto de consumo*. In *Veredas*. Rio de Janeiro: CCBB, 1996, n.2, p.18-19.
- SPINOZA, Baruch de. *L'Éthique*. Paris: Seuil, 1988.

---

\* José de Moraes Carvalho é Doutor em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e Professor da FCS/UERJ.